

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

PAULO FREIRE E O MOVIMENTO SINDICAL

O pensamento de Paulo Freire continua vivo e fecundo, desdobrando-se em múltiplas direções. A investigação de Ana Maria do Vale é uma demonstração dessa fecundidade: a presença da matriz freireana na formação do sindicalismo docente no Brasil, particularmente após o retorno do exílio (1980).

Paulo Freire certamente não foi unanimidade, nem no movimento sindical e, muito menos, entre os pensadores da educação, educadores e administradores de sistemas de ensino. Uma forma clara de não admitir suas teses tem sido desconsiderá-las, não pronunciar-se sobre elas, omitir-se. Alguns educadores não fazem qualquer referência a ele em seus trabalhos e muito menos a aqueles que desenvolveram suas teses. Não suportam Freire. Quando querem criticá-lo mencionam uma certa pedagogia despreocupada com os conteúdos.

Algumas Faculdades de Educação ficam constrangidas quando se trabalham teses freireanas. Não conseguem digerir sua pedagogia crítica e transformadora. Uns tentam reduzi-lo a um pedagogo da Teologia da libertação. Outros desqualificam o conteúdo revolucionário da sua teoria do conhecimento. O que importa é que ele continua vivo nos movimentos de renovação e transformação pedagógica onde está se gestando a educação do futuro. Como mostra Ana Maria do Vale neste livro, Paulo Freire sempre esteve ligado aos movimentos sociais e populares e não poderia deixar de estar ligado também ao movimento sindical.

A influência de Freire no movimento sindical deu-se no contexto de uma teoria ampliada do Estado que inclui a participação social como esfera pública de decisão. Como pensador da cultura ele valorizava a cidadania ativa. Sua gestão como Secretário da educação de São Paulo (1989-1991) caracterizou-se pela ética, pela participação, pela melhoria nas relações sociais, humanas e interpessoais na escola, pela reforma intelectual e moral. E tinha plena consciência do cargo que ocupava: como Secretário não falava como membro de um movimento social ou sindical, falava como Estado, mas dentro de uma certa concepção de Estado.

Fico feliz em ver, neste livro, reconhecida a importância que Paulo atribuía ao “saber de experiência feito” – como dizia ele – que nasce do engajamento, da militância, do envolvimento. Por isso é que podemos chamar a pedagogia freireana de pedagogia da luta.

MOACIR GADOTTI

Professor Titular da USP

Diretor do Instituto Paulo Freire